



**Relatório de Escola:
Escola Secundária com 3º ciclo da
Quinta do Marquês, Oeiras**

Resultados do 9º ano de escolaridade





ES3 QUINTA DO MARQUÊS

Análise dos resultados das classificações
do 9.º ano de escolaridade

A análise dos resultados das classificações de frequência e de exame do 9.º ano de escolaridade na ES3 QUINTA DO MARQUÊS (ES3QM) será desenvolvida de acordo com alguns princípios metodológicos que importa, desde já, identificar:

1. A análise dos resultados é desenvolvida sem conhecimento prévio das condições de desempenho dos alunos. Trata-se de uma leitura de resultados onde a preocupação se centra em identificar hipóteses explicativas e não conclusões irrefutáveis. Neste sentido, o presente relatório pretende identificar problemas, raramente pretenderá esclarecê-los. Esse

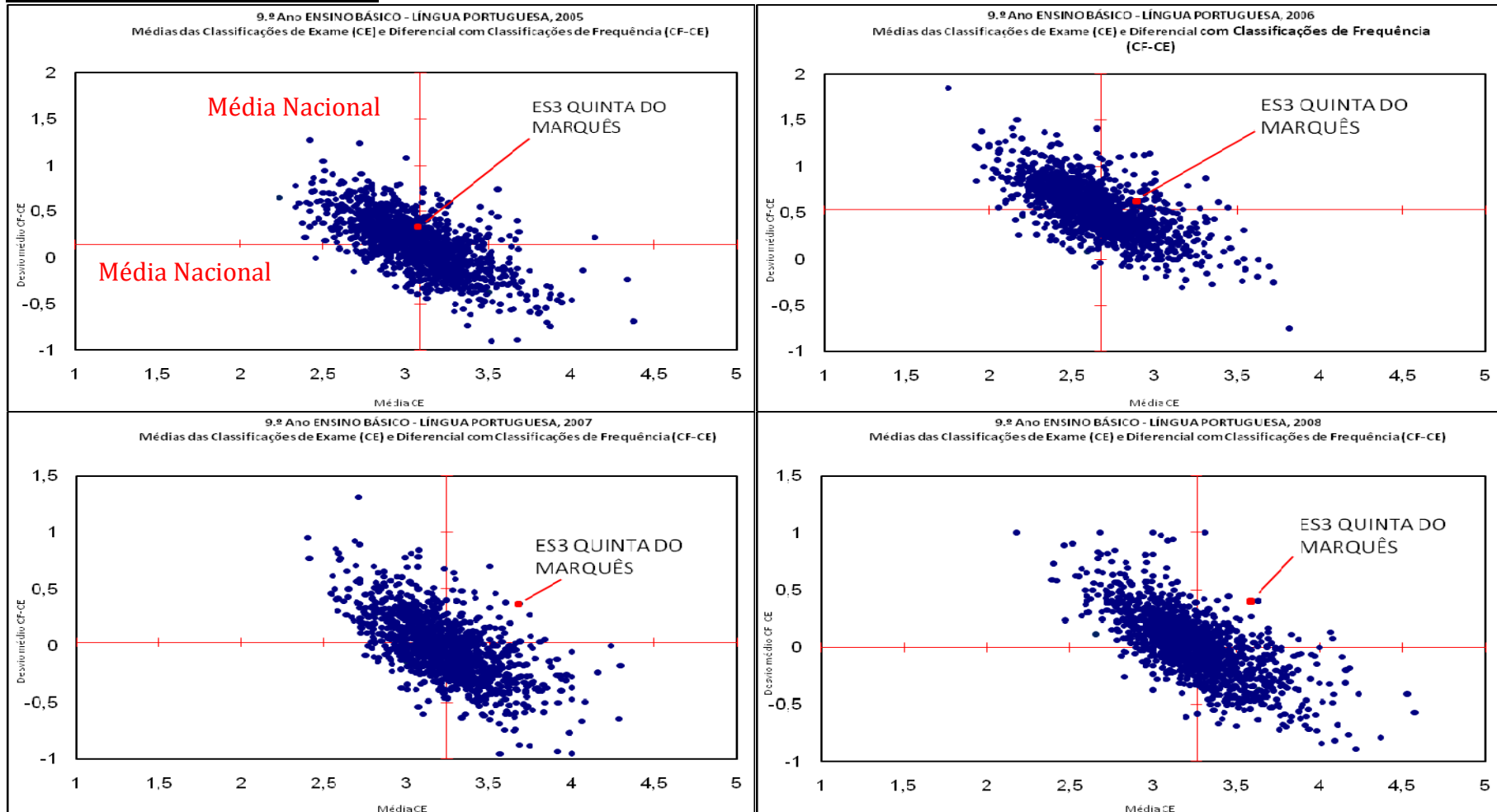
esclarecimento realizar-se-á mais tarde, depois do cruzamento destes resultados com outro tipo de indicadores e depois do processo de reflexão e discussão conjunta do presente relatório com os diferentes órgãos da escola, os professores, alunos e encarregados de educação que para o efeito se dispuserem a colaborar.

2. Ainda que se parta da descrição dos resultados absolutos, todo o processo de análise vai basear-se em valores relativos e comparáveis. Serão estes a dar a melhor medida do desempenho. Este princípio é tanto mais importante quanto é sabido que o grau de dificuldade de uma prova de exame, bem como o nível médio de desempenho dos alunos, são variáveis de ano para ano. Para todos os efeitos, o que pretendemos analisar são os desempenhos dos alunos. Partir deste nível de análise para o do desempenho das escolas não é um processo linear, pelo que deverá ser feito com o maior cuidado, ponderando as pequenas variações anuais que, afinal, não são susceptíveis de uma abordagem absoluta.
3. A análise dos resultados escolares é sempre um processo incompleto, que se vai construindo pacientemente à medida que incorporamos outras variáveis no modelo. A sua função é muito mais a de ajudar a reflectir e a encontrar soluções que de elaborar diagnósticos muito extensivos, mas pouco rigorosos na identificação dos problemas que se pretende identificar.

*Os números não resolvem os problemas,
apenas nos ajudam a não formulá-los mal*

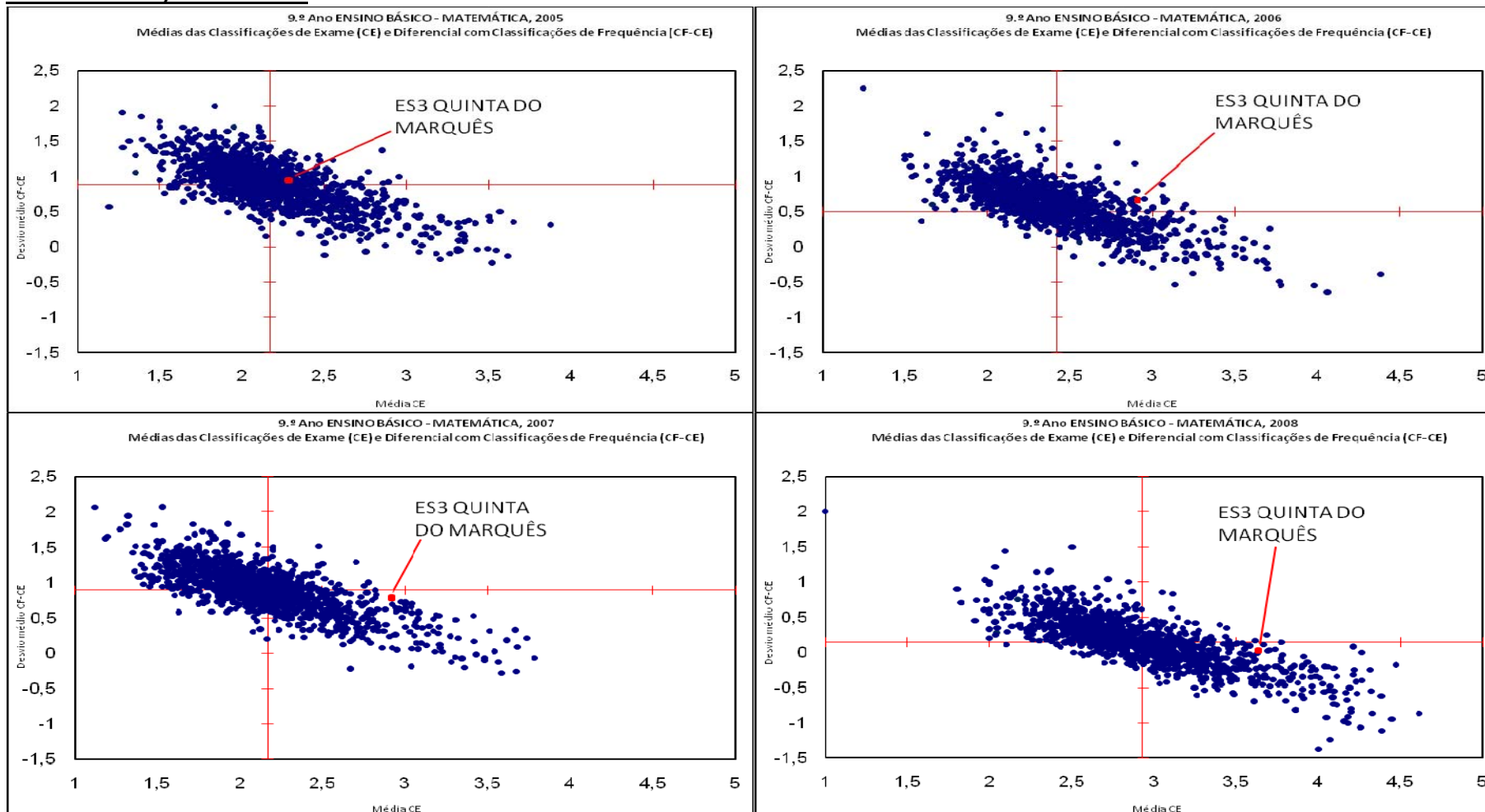
Gráficos da evolução das médias de exame e dos diferenciais das classificações de frequência em comparação com o panorama nacional

– Língua Portuguesa, 2005 – 2008



Gráficos da evolução das médias de exame e dos diferenciais das classificações de frequência em comparação com o panorama nacional

– Matemática, 2005 – 2008



Nos gráficos apresentados acima podemos ver a evolução da escola no intervalo de tempo analisado neste relatório – entre 2005 e 2008 – e compará-la com a evolução de todas as escolas do quadro nacional.

Na disciplina de Língua Portuguesa podemos observar como a ES3QM começou por se encontrar cerca da média nacional de exame no primeiro ano, destacando-se progressivamente nos anos seguintes para resultados mais positivos (superiores a uma média de 3,5 nos dois últimos anos).

Quanto à diferença entre classificação de frequência e classificação de exame, verificamos que as primeiras foram sempre superiores na escola. Essa diferença foi quase equivalente à média nacional até 2006 mas foi bastante superior nos anos seguintes.

Os gráficos da disciplina de Matemática demonstram aproximadamente o mesmo comportamento no que toca às médias de exame. Na verdade, no primeiro ano a escola surgiu muito próxima da média nacional, visto que obteve uma média de classificações de exame negativa. Nos anos seguintes, afastou-se para uma posição mais vantajosa face ao conjunto das escolas, aproximando-se do nível 3 (e superando-o mesmo em 2008).

A par do melhoramento da média da escola nesta disciplina, e ao contrário do que se verificou na disciplina de Língua Portuguesa, as médias das duas classificações foram-se aproximando progressivamente: embora as médias de classificação de frequência tenham sido sempre superiores às de exame, essa diferença foi mais expressiva e ligeiramente superior à média nacional nos dois primeiros anos do que em 2007 e 2008 (nesses anos, a diferença foi ligeiramente inferior ao panorama nacional).

9.º ano de escolaridade – Resultados das classificações de Frequência e de Exame

Ano	Disciplina	Nº Provas	Média frequência	Desvio Padrão frequência	Coef. Variação frequência	Média exame	Desvio Padrão exame	Coef. Variação exame
2005	Língua Portuguesa	160	3,37	0,74	21,99	3,06	0,65	21,26
2006	Língua Portuguesa	186	3,51	0,81	22,99	2,88	0,82	28,34
2007	Língua Portuguesa	185	4,05	0,80	19,66	3,68	0,65	17,71
2008	Língua Portuguesa	189	3,98	0,75	18,86	3,58	0,71	19,95
2005	Matemática	160	3,26	0,82	25,13	2,26	0,80	35,22
2006	Matemática	188	3,58	0,78	21,79	2,89	1	34,59
2007	Matemática	186	3,7	0,83	22,34	2,92	1,03	35,42
2008	Matemática	188	3,66	0,83	22,8	3,63	1,03	28,3

Exceptuando o ano inicial de 2005, a escola tem vindo a apresentar um número relativamente estável de alunos a provas de exame (mais de 185).

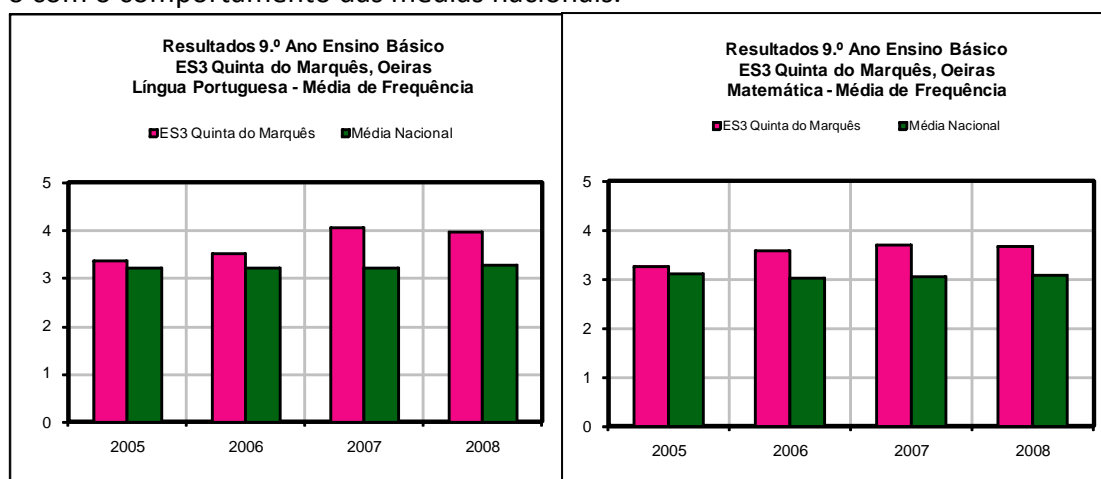
As médias das classificações de frequência em Língua Portuguesa progrediram positivamente, passando de 3,37 em 2005 para 3,98 no último ano (portanto, praticamente atingindo o nível 4). O mesmo se pode verificar nas tendências das classificações obtidas em provas de exame, visto que apesar de uma quebra em 2006 quando pela primeira vez desceram para o nível 2, aumentaram até ao último ano (em 2008, a média foi de 3,58).

Quanto à disciplina de Matemática, vemos que as médias de frequência também têm evoluído positivamente, situando-se sempre no nível 3. As classificações de exame também registaram essa tendência, embora conheçam um salto maior: passaram de um nível negativo em 2005 (2,26) para uma média de 3,63 no último ano. É nesse sentido que podemos dizer que os resultados apresentados parecem evoluir de forma mais sustentável nesta disciplina do que em Língua Portuguesa.

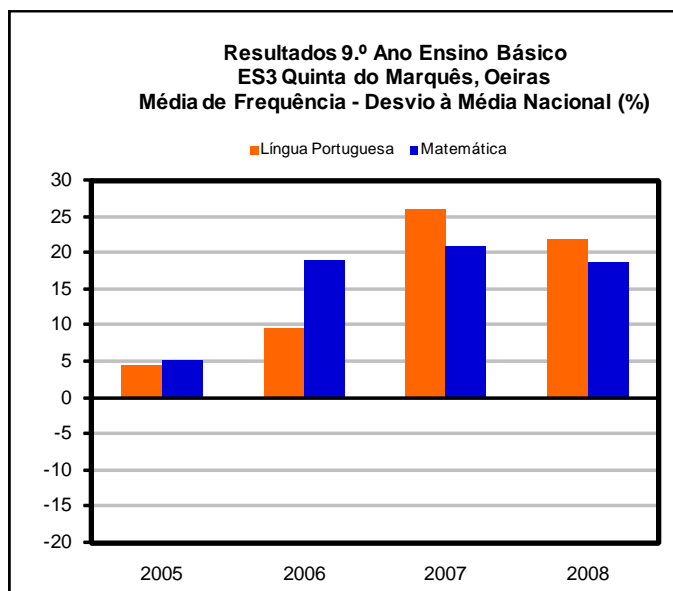
A variância dos resultados (coeficiente de variação) foi geralmente maior em Matemática, mostrando uma maior dispersão entre as notas obtidas pelos alunos nesta disciplina do que na de Língua Portuguesa, tanto na frequência como no exame (embora no exame essa discrepância entre disciplinas seja maior).

Por outro lado, a dispersão relativa diminuiu ligeiramente nas classificações de frequência da disciplina de Língua Portuguesa – e, embora com mais oscilações, também nas classificações de exame – indicando uma tendência para uma relativa homogeneização dos resultados. Em Matemática, a dispersão também diminuiu nas duas classificações, mas de forma mais sustentada no exame (passou de um coeficiente de variação de 35% em 2005 para 28% em 2008) – embora mesmo assim as classificações tenham sido sempre mais heterogéneas no exame do que na frequência nesta disciplina (em Língua Portuguesa, os coeficientes das duas classificações andaram geralmente a par).

Importa agora analisar estes resultados pelo seu valor relativo, comparando-o com o comportamento das médias nacionais.

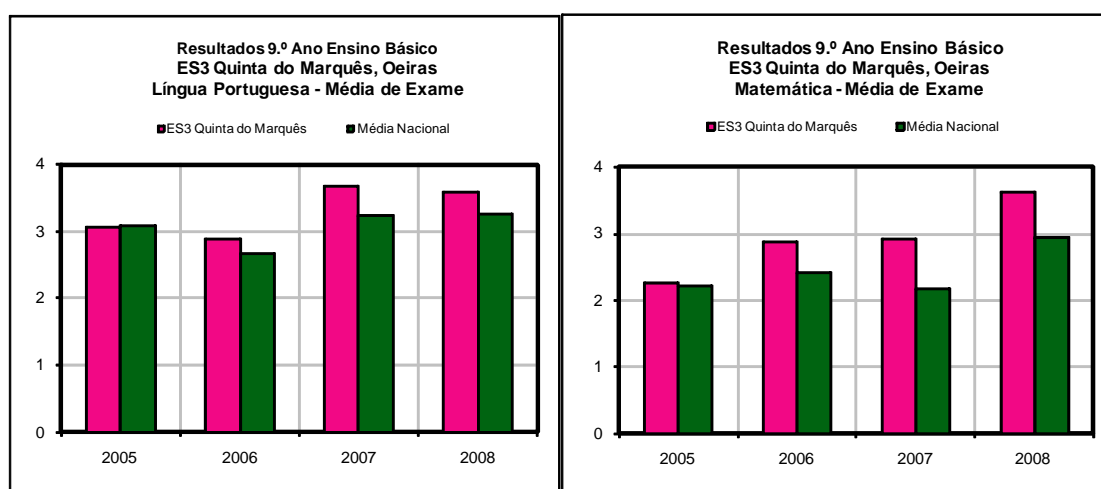


Numa leitura geral, as classificações de frequência da ES3QM apresentaram valores médios sempre superiores à média nacional e confirmam a progressão a que atrás aludimos, notando-se uma evolução muito positiva em comparação com a média nacional nas duas disciplinas consideradas.

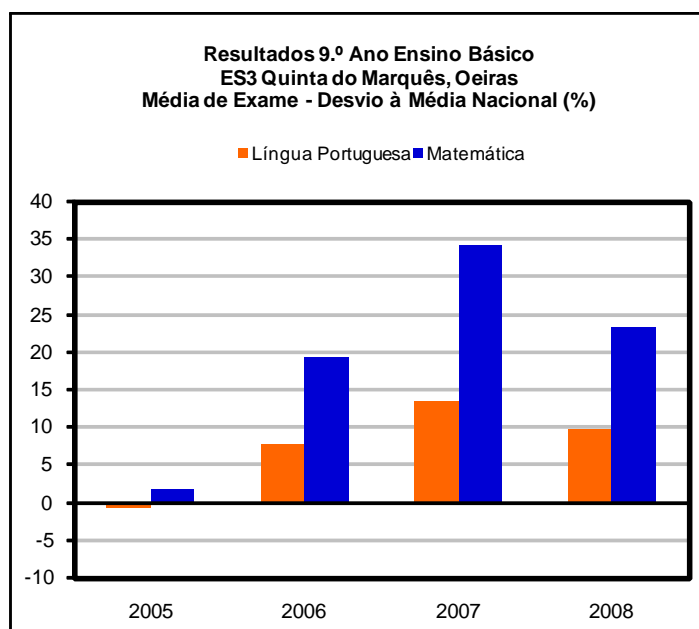


Assim, as médias de frequência da ES3QM valorizaram-se relativamente à evolução da média nacional das classificações de frequência, quer no caso de Língua Portuguesa quer no de Matemática. Na verdade, as duas disciplinas começaram por apresentar valores médios de classificação de frequência 4% acima da média nacional em 2005: essa diferença veio a aumentar até 2007 (quando Língua Portuguesa teve uma média 26% acima da média nacional e Matemática 21%). No último ano, a diferença diminuiu ligeiramente, embora tenha continuado a ser bastante superior (22% em Língua Portuguesa e 19% em Matemática).

Atentemos agora às classificações de exame, comparando as médias da escola com a média nacional:



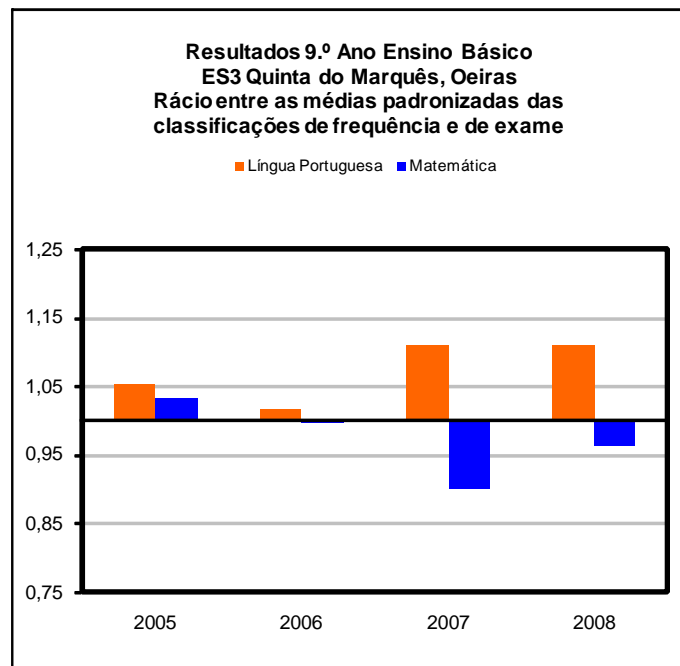
Conforme se pode constatar, os valores médios de exame apresentaram geralmente valores acima da média nacional nas duas disciplinas, sendo que em Matemática a diferença é mais visível, sobretudo nos últimos anos. Em 2005, porém, a média de exame da escola em Língua Portuguesa foi ligeiramente inferior à média nacional; e a de Matemática, ainda assim ligeiramente superior à média nacional, foi negativa.



Consequentemente, analisando os desvios da média de exame à média nacional, verificamos que as duas disciplinas se têm vindo a valorizar, sobretudo até 2007 (tal como vimos no caso das classificações de frequência).

Na verdade, a disciplina de Língua Portuguesa apresentou um desvio negativo em 2005, mas a partir desse ano valorizou-se em relação ao panorama nacional (em 2007, o desvio positivo foi de 13% e no último ano foi de 10%). A disciplina de Matemática conheceu a mesma evolução, embora partindo de um desvio positivo e valorizando-se de forma mais acentuada (o desvio foi de 34% em 2007 e 23% em 2008).

Coloca-se agora a questão de saber se os desvios às médias nacionais são mais favoráveis às classificações de frequência ou às de exame, e como a valorização ou desvalorização relativa das primeiras face às segundas evoluiu nos anos em observação. O indicador que usámos para esta relação é a razão entre as classificações médias de frequência e as de exame nas duas disciplinas, em ambos os casos padronizadas pela média nacional, igualizada ao valor 100. Quando o indicador assume o valor 1, os desvios das classificações de frequência e de exame às respectivas médias nacionais são equivalentes. Os valores superiores à unidade indicam que os desvios à média nacional favoreceram mais as classificações de frequência que as de exame, e os valores inferiores à unidade indicam a relação inversa, em tanto maior grau quanto mais se afastarem da unidade.

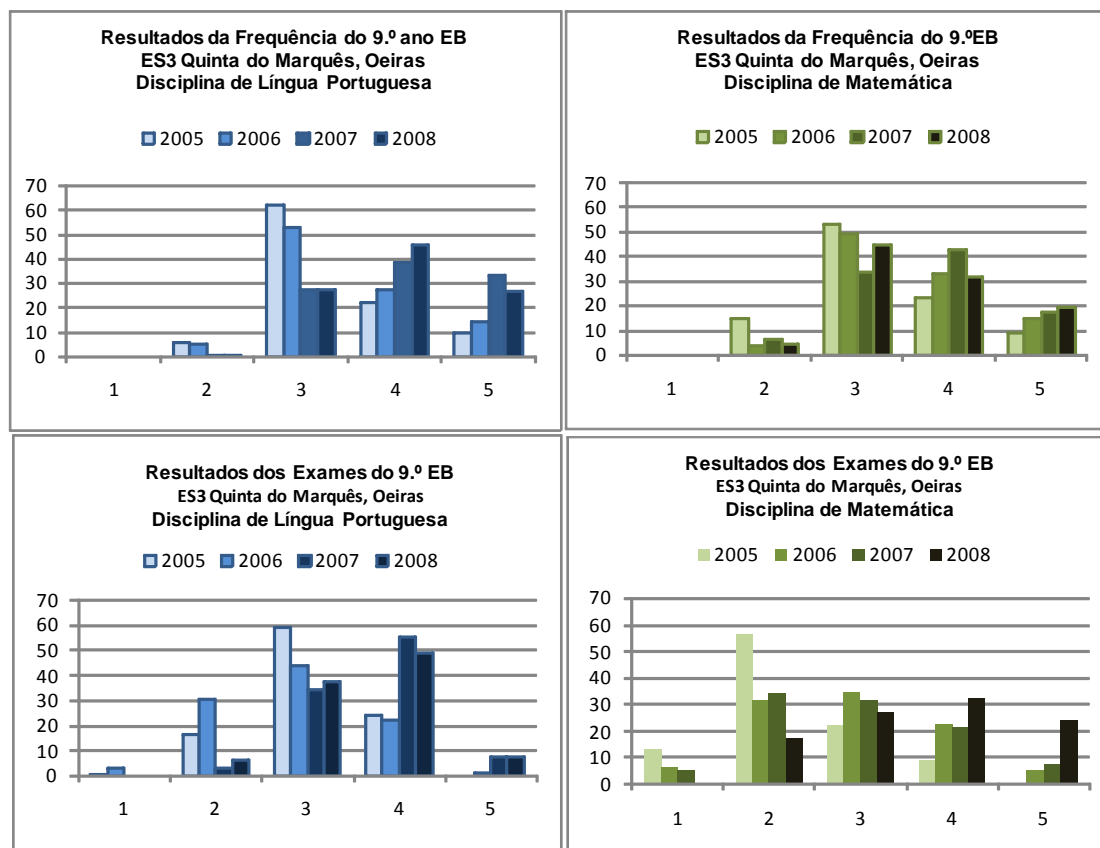


A análise comparada da evolução do rácio entre as classificações relativas da escola em frequência e em exame por disciplina permite identificar um comportamento diferenciado. Por um lado, o desvio à média nacional das classificações de Língua Portuguesa foi favorável às classificações de frequência, e isto de forma mais evidente nos últimos dois anos (em 2007 e 2008, esta relação apresenta um rácio de 1,11).

Por outro lado, na disciplina de Matemática houve uma alteração da relação entre as duas classificações. Em 2005, o desvio foi favorável às classificações de frequência. No ano seguinte, os dois desvios foram praticamente idênticos. A tendência inverteu-se a partir de 2007, ano a partir do qual o desvio passou a beneficiar as classificações de exame.

Assim, em resposta à pergunta colocada anteriormente, podemos afirmar que houve um comportamento diferenciado nas duas disciplinas. Em Língua Portuguesa, onde como referimos a valorização relativa das classificações de frequência foi mais acentuada (sobretudo nos dois últimos anos), essa valorização não correspondeu a uma valorização relativa das classificações de exame. Em Matemática, observamos o comportamento inverso: a valorização relativa das classificações de frequência deu-se a par de uma valorização das classificações de exame por relação às respectivas médias nacionais.

Classificações de Frequência e Exame da ES3 Quinta do Marquês: Distribuição por Níveis (%)



Começando com a disciplina de Língua Portuguesa, podemos constatar que em todos os anos observados a maioria das classificações de frequência foi positiva, situando-se geralmente entre o nível 3 e o 4. Podemos notar, porém, algumas diferenças na distribuição por níveis entre os dois primeiros e os dois últimos anos. Em 2005 e 2006, a maioria dos alunos teve classificações de nível 3 (62% e 53%), registando-se ainda uma percentagem importante de classificações de nível 4 (23% e 27%). Nesses anos, as classificações de nível 5 não ultrapassaram os 15%, e houve algumas classificações de nível negativo, mesmo que inferiores a 10%. A partir de 2007, a par de um aumento dos níveis mais elevados (o nível 4 passou a constituir a maioria das classificações, rondando os 40%), houve uma diminuição dos níveis intermédio (3) e negativo (2).

Quanto às classificações de exame, as maiores percentagens também corresponderam ao nível 3 e 4, além de que se verificou a mesma tendência da distribuição por níveis das classificações de frequência, com o aumento dos níveis mais elevados e diminuição dos níveis intermédio e negativo a partir de 2007. Note-se que a principal diferença entre a distribuição de frequência e aquela de exame reside no aumento ainda importante das classificações de nível 2 nos dois primeiros anos e na menor representatividade do nível 5, em qualquer dos anos considerados.

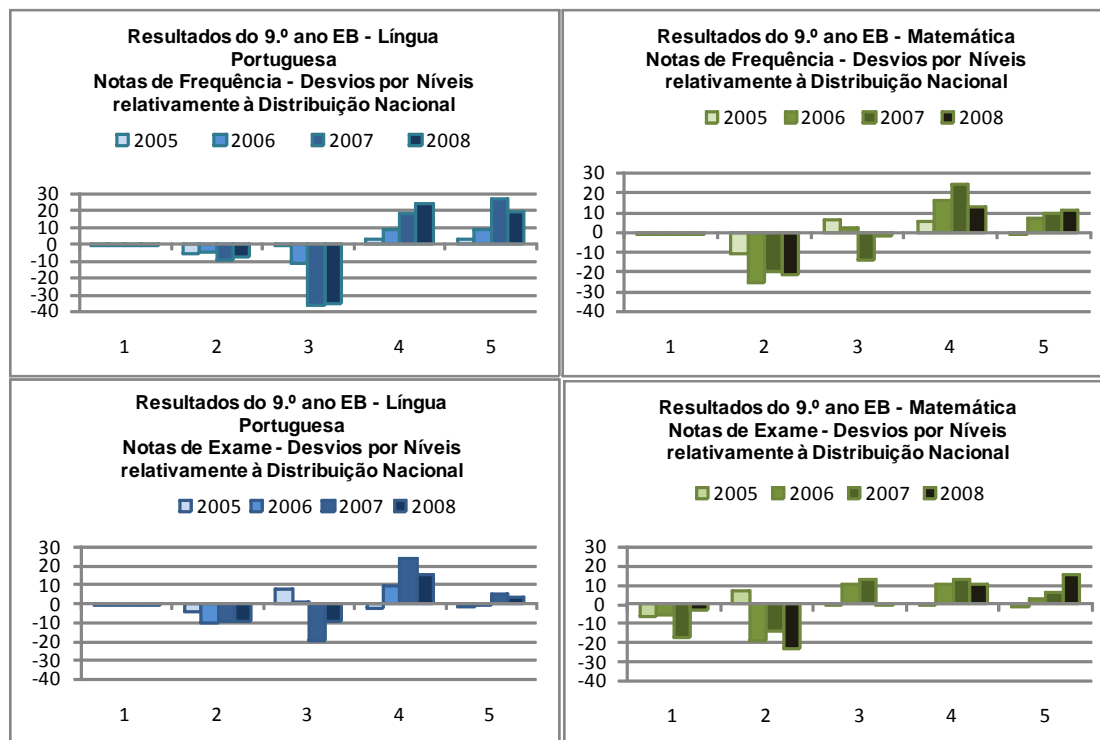
Relativamente às classificações de frequência de Matemática, verificamos que as percentagens mais elevadas pertenceram geralmente ao nível 3: foram quase sempre superiores a 40%, excepto em 2007 onde o peso desse nível parece ter sido transferido para as classificações de nível 4 (42%, sendo que nos outros anos este nível não ultrapassou os 33%). Nota-se ainda uma redução das classificações de nível 2 para menos de 10% a partir de 2006, bem como o progressivo aumento das classificações de nível 5 (que passaram de 9% em 2005 para 19% no último ano).

Ao comparar com a distribuição das classificações de exame, notamos que sofre certas modificações, desviando-se para a esquerda – ou seja, para os níveis menos elevados: as maiores percentagens dividem-se, no exame, entre o nível 2 e o 3. Além disso, nota-se uma diferença entre os três primeiros e o último ano: até 2007, o peso das classificações de nível 2 e 3 foi quase equivalente, rondando os 30% (embora em 2005 tenha havido uma transferência das classificações de nível 3 para o nível 2, que conheceu nesse ano a maior percentagem: 56%). À excepção de 2005, o nível 4 apresentou percentagens à volta dos 20%, enquanto os níveis extremos foram os menos representados: o nível 1, depois de ter atingido os 13% em 2005, caiu para menos de 10% nos anos seguintes; o nível 5 não chegou a atingir, nesses anos, os 10%.

Em 2008, houve um melhoramento dos níveis mais elevados - o nível 4 apresentou a percentagem mais elevada nesse ano (32%) e o nível 5 subiu para os 24% - a par de uma diminuição dos níveis intermédio (27%) e negativos (não houve classificações de nível 1 e o nível 2 caiu para os 17%).

Seria importante agora comparar esta distribuição da ES3QM com a distribuição nacional de cada ano analisado, no sentido de percebermos qual o comportamento da escola relativamente ao conjunto do país.

Classificações de Frequência e Exame da ES3 Quinta do Marquês: Desvios por Níveis relativamente à Distribuição Nacional (%)



Em comparação com a distribuição nacional, podemos afirmar que as classificações de frequência de Língua Portuguesa da escola em análise apresentaram em todos os anos percentagens das classificações de nível 4 e 5 superiores à média nacional, sendo que essa diferença aumentou progressivamente ao longo do período. A tendência inversa verificou-se tanto nas classificações de nível negativo (2) como intermédio (3).

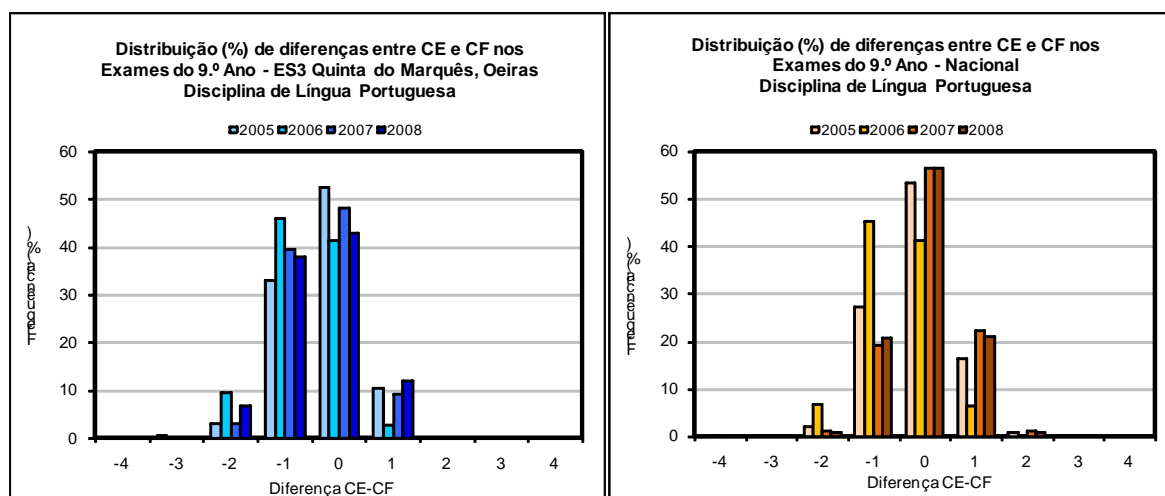
Quanto à distribuição das classificações por níveis no exame da mesma disciplina, destacamos em primeiro lugar o facto das percentagens das classificações de nível negativo aparecerem sempre, à semelhança das classificações de frequência, abaixo da distribuição nacional. As percentagens de classificações de nível 3 foram, em 2005 e 2006, um pouco superiores às percentagens nacionais, embora nos dois últimos anos tenham sido inferiores. Esta redução é correspondente a uma transferência de peso relativo para o nível 4 e (em menor grau), para o nível 5, o que corresponde a uma melhoria muito significativa do perfil de resultados relativos da escola nos exames de Língua Portuguesa face ao perfil nacional.

Analisando a distribuição das classificações de frequência por níveis de Matemática, verificamos que houve uma valorização relativa das notas mais elevadas por comparação com a distribuição nacional, acentuando-se esta tendência nos últimos anos. As percentagens das classificações de nível 3, geralmente próximas das percentagens nacionais, foram ligeiramente superiores nos dois primeiros anos e

inferiores nos dois últimos (provavelmente devido ao aumento de classificações de nível 4 e 5 na escola em relação ao panorama nacional). Quanto ao nível 2, registou em todos os anos percentagens bastante inferiores às nacionais.

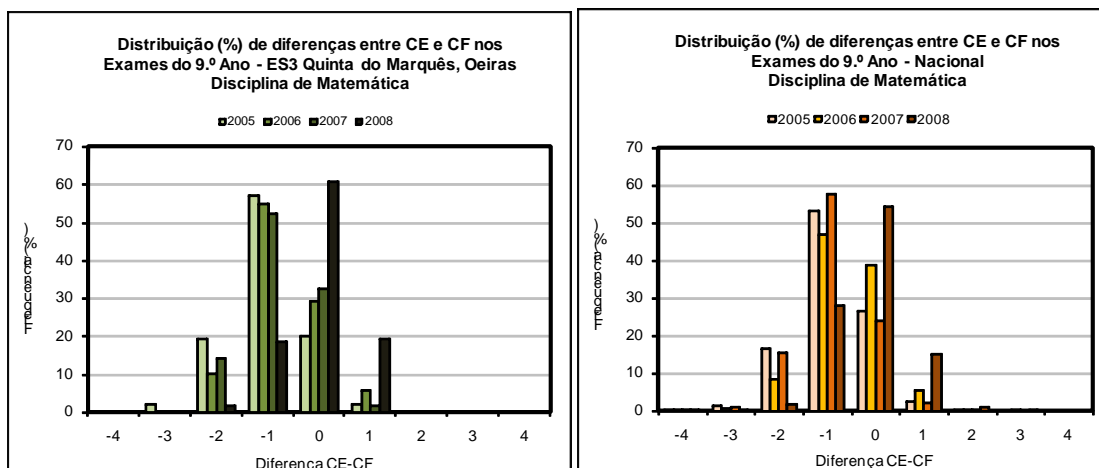
Na distribuição das classificações de exame de Matemática notamos que os níveis negativos foram quase sempre inferiores à distribuição nacional (a única excepção foi em 2005 nas classificações de nível 2) e que houve uma valorização progressiva das notas mais elevadas. O nível 3, praticamente equivalente à distribuição nacional em 2005 e 2008, foi um pouco superior nos outros anos.

Diferença entre Classificação de Frequência e Classificação de Exame



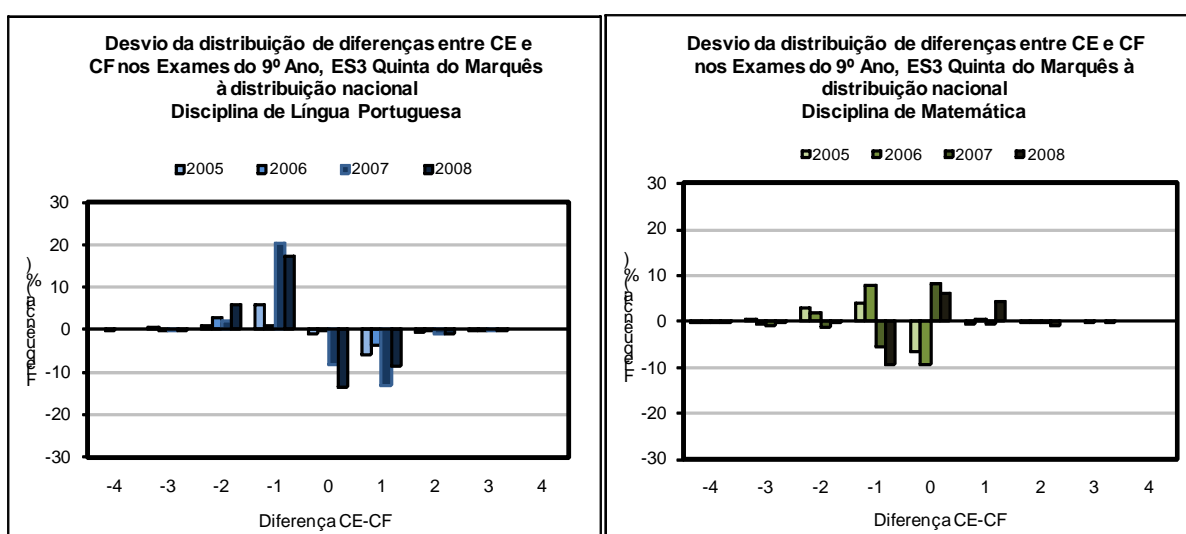
Na disciplina de Língua Portuguesa, observamos que em todos os anos a maioria dos alunos ou obteve a mesma classificação na frequência e no exame (sempre mais de 40%) ou diminuiu um nível no exame (geralmente de 30% a 40%). Notamos que tanto na escola como à escala nacional houve um aumento em 2006 da percentagem de alunos que diminuiu de um nível – embora essa diferença seja mais evidente na distribuição nacional. Houve ainda alunos que pioraram dois níveis no exame, embora a percentagem dos que o fizeram nunca tenha sido superior a 10% (mais uma vez, o ano em que isso aconteceu com mais frequência foi em 2006).

Por outro lado, foram relativamente poucos os alunos na escola que melhoraram de nível no exame (geralmente a percentagem dos que os fizeram rondou os 10%, excepto em 2006, onde só chegou aos 3%). À escala nacional, essa percentagem foi maior, além de que aumentou nos últimos dois anos, onde rondou os 20%.



Na prova de Matemática, a distribuição de frequências na escola entre CE e CF mostra uma clara modificação entre os três primeiros e o último ano, tal como na distribuição nacional. Até 2007, a maioria dos alunos da ES3QM teve pior classificação no exame do que na frequência: a percentagem dos que pioraram um nível foi sempre superior a 50% e a percentagem dos que pioraram dois níveis ultrapassou em todos os anos os 10%. A percentagem daqueles que se mantiveram com o mesmo nível foi aumentando ao longo dos anos, passando de 20% em 2005 para 32% em 2007. Nesses anos, foram poucos os alunos que melhoraram o nível no exame, embora as percentagens desse diferencial positivo tenham sido praticamente idênticas às nacionais.

O ano de 2008 surgiu como um ano de mudança nas duas distribuições. Nesse ano, a maioria dos alunos manteve o mesmo nível na frequência e no exame (61%, contra os 54% nacionais), aumentou substancialmente a percentagem dos alunos que subiram de nível (atingiu os 19%, superior à percentagem nacional) e diminuiu em mais de metade a percentagem dos que pioraram.



Observando as diferenças entre classificações de exame e classificações de frequência entre a escola e a distribuição nacional, verificamos que em Língua Portuguesa as percentagens dos alunos que pioraram de nível no exame foram

sempre superiores às percentagens nacionais, sendo que essa diferença aumentou nos últimos dois anos. A situação inversa verifica-se nas diferenças nulas ou positivas entre classificações de frequência e exame: as percentagens de alunos que se mantiveram ou melhoraram de nível no exame foram geralmente mais frequentes na distribuição nacional do que na escola.

Em Matemática, constatamos que os desvios relativos da distribuição se alteraram entre os dois primeiros e os dois últimos anos. As percentagens de alunos que pioraram no exame foram até 2006 superiores às percentagens nacionais: a partir do ano seguinte, passaram a ser inferiores. A tendência inversa verifica-se nas diferenças nulas entre CE e CF. Finalmente, as percentagens de alunos da escola que melhoraram de nível no exame, bastante semelhantes às percentagens nacionais até 2007, superaram-nas no último ano.